

Juventude e Emprego em África

— O Potencial, o Problema, a Promessa —

Em África, 200 milhões de pessoas têm idades entre os 15 e os 24 anos, o que representa mais de 20% da população. A população de África está em rápido crescimento e está a conhecer uma transição demográfica lenta, o que vai aumentar a pressão para a criação de empregos, sentida pelos países. A grande maioria dos jovens vive em zonas rurais e trabalha sobretudo na agricultura, onde representam 65% do total do emprego. Mas os jovens não são um grupo homogéneo, e as suas perspectivas de emprego variam de acordo com vários factores, que vão da região, ao género e à escolaridade, o que requer diferentes políticas de intervenção. No entanto, o indivíduo africano mediano jovem é fácil de caracterizar: é do sexo feminino, tem 18,5 anos de idade e vive numa zona rural, é alfabetizada mas não frequenta uma escola.

Factos estilizados sugerem que:

- Os jovens perfazem 37% da população em idade laboral, mas 60% do total de desempregados.
- O desemprego juvenil é muito mais prevacente nas áreas urbanas.
- Os jovens das áreas rurais trabalham mais horas e dedicam muito mais tempo a tarefas domésticas.
- A juventude rural ligada à agricultura está em desvantagem quando comparada com os que têm actividades não agrícolas
- A juventude urbana tem mais oportunidades educativas e frequenta a escola durante mais tempo.
- Os jovens têm índices mais elevados de desemprego e de subemprego e aparecem mais concentrados no sector informal que os adultos.
- Os jovens têm maior probabilidade de ter que trabalhar mais horas, em condições de trabalho intermitente e sem garantias, caracterizado por baixa produtividade e magros salários.
- As raparigas trabalham mais horas que os rapazes, têm mais probabilidades de estarem em subemprego e mais probabilidades de se verem afastadas da força de trabalho.
- Os jovens começam a trabalhar muito cedo (um quarto das crianças entre os 5-14 anos trabalha) especialmente nas áreas rurais.
- Os jovens migrantes têm mais probabilidades de estarem desempregados e fora da força de trabalho que os seus congéneres não migrantes.
- Entre os jovens, as mulheres e os rurais enfrentam maiores dificuldades especialmente devido à maternidade precoce e à falta de oportunidades educativas e de emprego.

As condições mais desfavoráveis e a falta de oportunidades em zonas rurais, têm encorajado os jovens a migrar para os centros urbanos. Mas dado que a maioria dos países ainda não iniciou a sua transição para a industrialização, os centros urbanos não conseguem criar um elevado número de empregos. Assim, no curto prazo, só as actividades rurais, agrícolas e não-agrícolas, podem efectivamente criar ocupação para quem começa à procura de emprego.

Face aos desafios que os jovens encontram nos mercados de trabalho, o sucesso na busca de empregos para os jovens vai necessitar de acções a longo prazo, concertadas, abrangendo um largo espectro de políticas e de programas. Efectivamente, não há margem para alcançar e sustentar o sucesso com intervenções fragmentadas e isoladas.

Uma regra abrangente para encarar o desafio do emprego jovem, é a necessidade de uma estratégia integrada para o desenvolvimento, crescimento e criação de emprego a nível rural – contemplando tanto o lado da procura como o da oferta do mercado de trabalho e a mobilidade dos jovens das zonas rurais para as urbanas – a par de intervenções desenhadas para ajudar os jovens a superar desvantagens e entrar e permanecer no mercado de trabalho.

Um inventário de intervenções concebidas para integrar os jovens no mercado de trabalho sugere que as abordagens abrangentes, multi-serviços, tendem a ter melhores resultados que intervenções fragmentadas. Na América Latina, os Programas *Jovenes*, por exemplo, têm sido largamente considerados como uma história de sucesso na ajuda a jovens trabalhadores em países em desenvolvimento. Utilizam um modelo direccionado à procura, que tem por alvo os jovens economicamente desfavorecidos, fomenta a participação do sector privado e promove a concorrência entre fornecedores de formação. Tem tido sucesso na melhoria das colocações e salários, mas tornou-se bastante dispendioso para alguns países, onde foi substituído por intervenções de dimensão menor e mais direccionada.

A agricultura moderna tem um considerável potencial de criação de emprego e riqueza, e pode absorver vastos números de potenciais migrantes ou de jovens que presentemente afogam as cidades em subemprego. Uma escolha bem equilibrada de investimentos de emprego intensivo na agricultura e em actividades rurais não agrícolas pode criar oportunidades imediatas de emprego a curto prazo que podem mais facilmente ser aproveitadas pelos jovens. Em conjugação com estratégias locais adequadas de desenvolvimento económico, pode gerar mais, e mais sustentável emprego. São necessárias estratégias que façam da agricultura uma opção suficientemente atraente para a juventude, inclusive ultrapassar a agricultura de subsistência e introduzir a comercialização e melhoramentos de produtividade através de mudanças tecnológicas e de infra-estruturas de apoio. Ao criar oportunidades de emprego e de educação, as zonas rurais podem aumentar o seu interesse para os jovens trabalhadores e eventualmente abrandar a migração rural-urbana que é um problema crítico, se os governos pretendem moderar e evitar que o desemprego e o subemprego jovem urbano cresçam e que se deteriore o bem-estar nas já muito congestionadas cidades africanas. Investir na educação rural contribuirá também para criar melhores oportunidades de êxito para os que migram e para o crescimento económico das cidades.

Para além de expandir as oportunidades de emprego rural, é também necessário melhorar o investimento e os ambientes macroeconómicos; encorajar e apoiar o empreendedorismo e o sector informal; melhorar o acesso à educação e a competências; procurar resolver as questões demográficas, incluindo a maternidade precoce; lidar com o problema da juventude em cenários de violência e pós-conflito; e melhorar as condições do mercado de trabalho. Estas são as mais urgentes respostas políticas para fazer frente, de um modo sustentável, às questões do emprego jovem em África.